

ANTÓNIO LOBO ANTUNES

Obra Completa
Edição *ne varietur*

O MANUAL
DOS INQUISIDORES



DOM QUIXOTE

Dedico este romance a Ernesto Melo Antunes, meu capitão desde há vinte e cinco anos, cuja coragem e honestidade sempre me foram exemplo e a Marianne Eyre, que generosamente pôs na tradução dos meus livros o seu talento e sensibilidade invulgares.

primeiro relato

(Qualquer Palhaço Que Voe Como Um Pássaro Desconhecido)

RELATO

E ao entrar no tribunal em Lisboa era na quinta que pensava. Não na quinta de agora com as estátuas do jardim quebradas, a piscina vazia, o capim que devorava os canis e destroçara os canteiros, a grande casa destelhada onde chovia no piano com o retrato autografado da rainha, na mesa de xadrez a que faltavam peças, nos rasgões da alcatifa e na cama de alumínio que armei na cozinha, encostada ao fogão, para um sono afligido toda a noite pelas gargalhadas dos corvos

ao entrar no tribunal em Lisboa não pensava na quinta de agora

mas na casa e na quinta do tempo do meu pai quando Setúbal

(uma cidade tão insignificante como uma aldeia de província, de luzes a dançarem em torno do coreto numa vibração de trevas, laceradas pelo desespero dos cães)

ainda não chegara ao portão e aos salgueiros do muro e descia rio adentro num atropelo de traineiras e tabernas, Setúbal onde a governanta me levava às compras aos domingos de manhã arrastando-me pelo cotovelo sob o alvoroço dos pombos

a casa e a quinta do tempo do meu pai de escadaria ladeada de anjos de granito e dos jacintos que cresciam ao longo das paredes, uma agitação de criadas nos corredores do mesmo modo que as pessoas se agitavam no vestíbulo do tribunal

(era julho e as árvores da rua Marquês da Fronteira torciam-se ao sol contra as fachadas)

em cachos que se agrupavam e desfaziam em torno dos elevadores numa pressa ansiosa e nisto o meu advogado no meio das testemunhas e dos réus e dos oficiais de diligências a agarrar-me a camisola e a apontar-me os degraus

— Por aqui senhor engenheiro os divórcios por aqui

e eu indiferente ao tribunal, indiferente a ele, a lembrar-me daquele julho antigo em Palmela

(devia ter quinze ou dezasseis anos porque construía a garagem nova junto às faias, o tractor girava a seguir à horta e as pás de ferro do moinho chiavam no calor)

em que ouvi cochichos e passos e murmúrios na capela e não eram galinhas não eram rolas não eram gralhas era gente, talvez os ciganos de Azeitão a roubarem a santa e os castiçais de talha

(mulheres de saias negras, homens soprando cafeteiras ao lume, magras mulas tristíssimas)

e peguei numa das bengalas do vaso de louça da entrada e atravessei a trote a sala de jantar

— *Por aqui senhor engenheiro os divórcios por aqui*

com o lustre pingando sombras de vidro na toalha, saltei o canteiro de estrelícias, saltei as petúnias, a porta da capela encontrava-se

aberta, os círios oscilavam nos arcos e não dei com os ciganos de Azeitão

(mulheres de saias negras, homens soprando cafeteiras ao lume, magras mulas tristíssimas)

dei com a cozinheira estendida de costas no altar, de roupa em desordem e avental ao pescoço, e o meu pai escarlata, de cigarrilha na boca e chapéu na cabeça, segurando-lhe as ancas a olhar para mim sem surpresa nem zanga, e nesse domingo depois de responder aos gritos ao latim do padre, à frente do caseiro, da governanta, das criadas, o meu pai a acender cigarrilhas durante a comunhão

(o vento remexia as dalias secas e os eucaliptos do pântano, que aumentavam e diminuíaam segundo o respirar dos limos)

chamou-me ao escritório de janela para a estufa das orquídeas e o sopro do mar

— *Oxalá a sua esposa não se atrase senhor engenheiro senão o juiz marca-nos o divórcio para as calendas gregas*

(e contudo não se viam gaivotas, não se vêem gaivotas deste lado da serra)

e levantou-se, contornou a secretária, tirou o isqueiro a gasolina do colete e pousou-me a mão aberta na nuca no gesto com que avaliava os borregos e as crias do estábulo

— Faça tudo o que elas querem mas nunca tiro o chapéu da cabeça para que se saiba quem é o patrão.

o meu pai de mão aberta na nuca da filha do caseiro, uma adolescente descalça, suja, ruiva, suspensa das tetas das vacas acorada num banquinho de pau, a filar-lhe o cachaco e a obrigá-la a dobrar-se para a manjedoura sem largar os baldes do leite, o meu pai outra vez escarlata a esmagar-lhe o umbigo nas nádegas, de cigarrilha acesa apontada às vigas do tecto sem que a filha do caseiro protestasse, sem que o caseiro protestasse, sem que ninguém protestasse ou imaginasse protestar, o meu pai tirando a mão da minha nuca e designando com desprezo a cozinha, os quartos das criadas, o pomar, a quinta inteira, o mundo

— Faça tudo o que elas querem mas nunca tiro o chapéu da cabe-

ça para que se saiba quem é o patrão.

o meu pai que aos sábados, depois da sesta, mandava o chofer comprar duzentos e cinquenta gramas de bolachas de araruta e conduzi-lo a Palmela à moradia da viúva do farmacêutico na rampa do castelo, uma vivenda geminada com cortinas de crochet e um gato de gesso no aparador, que voltava para a quinta à noite a tresandar a perfume barato e passada meia hora se tanto ouvia-o ressonar na poltrona da sala com o chapéu na linha das pálpebras e a última cigarrilha a consumir-se-lhe na boca à medida que os mochos do pântano palravam no jardim, e o advogado vestido de advogado caro com o tom da camisa a ligar com o tom das meias, batendo a unha no mostrador do relógio

— Se a sua esposa se atrasa para a conferência do divórcio estamos fritos

o advogado que a minha filha mais velha me arranjou ao aparecer na quinta para ralhar comigo examinando indignada as janelas sem vidraças e as tábuas podres do soalho, examinando indignada um tacho de sopa fria no piano ao lado do retrato da rainha, examinando indignada as cascas no tapete

— Como é que consegue viver sozinho num chavasco destes?

o advogado caro de cabelo cortado num barbeiro caro que me recebeu num gabinete caro com quadros caros encadernações caras em estantes caras a mulher cara e os filhos caros a sorrirem numa moldura de prata e mobília quase tão cara como a mobília do meu pai, o advogado a fingir não reparar no pedaço de corda que me servia de cinto, nos sapatos sem graxa, nas peúgas sem elástico, nas calças gastas, a observar-me no desdém aborrecido com que a minha sogra me observou quando entrei pela primeira vez a derrubar bibelots, envergonhadíssimo, no palacete do Estoril, a minha sogra que jogava bridge com as cunhadas a recolher a vasa numa combustão de anéis e a erguer para mim a sobrelha que se mostra ao jardineiro incompetente culpado de estragar os buxos do terraço

— O menino tem dinheiro para manter a Sofia ao nível a que ela está habituada?

o advogado incomodado com o meu casaco demasiado curto, os meus fundilhos, o meu bigodinho cómico, a brincar com a lapiseira de prata numa nuvem de after-shave e a tentar ao mesmo tempo desembaraçar-se do assunto e ser simpático para a minha filha

— Vamos a ver o que se pode arranjar senhor engenheiro não prometo nada

e ao ir-me embora a telefonista mirou-me como se eu fosse testemunha de Jeová ou vendesse enciclopédias e a minha filha mais velha a remexer as gavetas da cozinha onde as cuecas se misturavam com os talheres

(os garfos tortos as colheres com verdete as facas que não cortavam)

— Não tem ao menos um fatinho decente?

e a Sofia a escovar-me os ombros com o dorso da mão

— Podias arranjar-te um bocadinho para conhecer a minha mãe e a minha sogra a esquecer-se das cartas assim que despenhei um candeeiro de globo

— O menino é parvo ou faz-se?

eu no tribunal em Lisboa escoltado pelo advogado que batia no relógio com a unha, a lembrar-me das pás do moinho escurecidas de ferrugem que cessaram de trabalhar apesar do vento, dos canis vazios e dos lobos da alsácia sem comida galopando ao acaso pela serra ou a uivarem do pântano no momento em que uma funcionária começava a soletrar nomes marcando os que respondiam com uma cruzinha a lápis, a lembrar-me de quando levei a minha noiva à quinta em agosto e o meu pai se achava no pátio numa cadeira de baloiço a beber limonada com a mulher do sargento, dama de cetins barrocos que tomava a camioneta de Setúbal nas tardes em que o marido ficava de plantão no quartel e eu para o meu pai

— A Sofia pai

e o meu pai a mirá-la com a pálpebra adormecida com que mirava a cozinheira a filha do caseiro as ciganas as criadas, a afundar a copa na testa com um piparote

— Faz tudo o que ela quiser mas nunca tires o chapéu da cabeça

para que se saiba quem é o patrão

e o advogado inquieto mostrando-me o relógio

— O que terá acontecido à sua esposa?

a Sofia a ajeitar a bandelete corada de timidez, os corvos a gargalharem nas faias, o reflexo da casa a estremecer na piscina, a mulher do sargento a sorrir para nós caretas de madrinha, o meu pai a medir a Sofia, na voz distraída com que falava dos animais no estábulo

— Um cabide um esqueleto nunca percebeste nada de vitelas

e o advogado de repente sereno, de repente grave, a endireitar-se para o elevador comendo os punhos

— Até que enfim senhor engenheiro

e lá estava a Sofia sem bandelete sem vinte anos sem corar de timidez sem me escovar os ombros com o dorso da mão, flanqueada por um advogado tão semelhante ao meu que se diria o mesmo ao espelho, que se diriam réplicas, gémeos, ambos de cabelo cortado num barbeiro caro, ambos de cheviotes por medida, ambos seguros autoritários severos, flutuando na mesma loção de barbear numa majestade de congros, a Sofia com o anel da minha sogra no dedo da aliança, com a desenvoltura desdenhosa da mãe

(— O menino é parvo ou faz-se?)

sem me olhar sem me sorrir sem me dizer

— Podias arranjar-te um bocadinho João

e eu para o meu advogado igual ao advogado dela

— Nunca devia ter tirado o chapéu da cabeça para que se soubesse quem era o patrão

e o advogado do vértice dos cheviotes sem entender

— Como?

o advogado parecido com os advogados, os banqueiros, os gestores, os deputados e os ministros que chegavam à quinta no tempo do, meu pai, invisíveis nos vidros opacos de um cortejo de automóveis fúnebres avançando pelo caminho de ciprestes que separava o portão da casa, me faziam uma festa distraída no queixo comentando sem me verem

— Como tu crescestes se fechavam na sala do piano a tarde in-

teira com as criadas de luvas brancas num corrupio de bandejas, a governanta a mandar-me brincar para as traseiras, o caseiro a afugentar os corvos e a calar os cães, os advogados, os banqueiros, os gestores, os deputados e os ministros que regressavam já de noite aos seus carros imensos, desapareciam na estrada de Lisboa e o meu pai esquecido deles, voltado para a respiração do pântano onde as últimas rolas se sumiam, a Sofia a passar por mim com a desenvoltura desdenhosa da mãe e o advogado sem entender inclinando-se para escutar melhor

— Perdão?

eu não no tribunal, na quinta, a dirigir-me ao meu pai entre o choro das rãs

— Nunca devia ter tirado o chapéu da cabeça para que se soubesse quem era o patrão

e o advogado com o espanto das sobranceiras pegando-se à raiz dos cabelos

— Perdão?

como se dissesse, possesso, não ali no tribunal, no Estoril, no bridge do Estoril diante da janela para as palmeiras do Casino olhando o candeeiro de globo que eu acabara de quebrar

— O menino é parvo ou faz-se?

o palacete do Estoril onde acompanhei o meu pai vestido como um camponês, de corrente de cobre, botas de carneira, um chapéu velho na cabeça e a cigarrilha nos dentes, o meu pai que deixou o Nash na garagem com o chofer fardado a puxar lustro aos cromados e convocou o único táxi de Palmela conduzido por uma espécie de palhaço de pala de verniz parando em todas as tabernas com o pretexto de descansar o motor e demorando-se horas entre parreiras e moscas, o meu pai acompanhado pela viúva do farmacêutico escondida atrás de um camafeu de madreperla e de um leque sevilhano a que faltavam varetas, com um cãozinho microscópico a latir-lhe guinchos no colo, a viúva e eu torrando dentro do táxi que cheirava a caixa de sapatos antiga e o meu pai e o palhaço de pala de verniz a chuparem calicezinhos e a esfriarem o radiador com abanos de

trança, enodados de fuligem, de forma que alcançámos o Estoril muito depois do almoço quando tinham desistido de esperar-nos e jogavam bridge no terraço sobre a praia e as gaivotas, e a minha sogra em lugar de indignar-se com a falta de educação do meu pai que empurrava a viúva e o cãozito microscópico protegido por uma capa de lã casa adentro

— O menino é parvo ou faz-se?

deixando o palhaço no pátio a cambalear nas hortênsias e a enroscar e a desenroscar o motor do táxi que trepidava explosões e agonias, o meu pai de chávena de chá na mão a mirar a mãe da Sofia e as cunhadas com a pálpebra sonolenta com que mirava a cozinheira, a filha do caseiro, as ciganas, as criadas, sem tirar o chapéu da cabeça nem deixar de fumar, que dali a nada empurraria uma delas para o primeiro quarto livre a fim de lhe erguer a saia e achatar as nádegas contra um armário ou uma cómoda cujas gavetas gemiam, informando quem quer que entrasse

— Faço tudo o que elas querem mas nunca tiro o chapéu da cabeça para que se saiba quem é o patrão

o meu pai de chávena de chá, a viúva do farmacêutico a alimentar de pedacinhos de biscoito o cãozito horrível, e a minha sogra não furiosa, não indignada, indulgente

— Que pena o seu pequeno não lhe ter herdado o sentido de humor Francisco

o mar a seguir às palmeiras e as gaivotas no pontão sossegadas e brancas tão diferentes dos corvos desgrenhados da quinta

— Que pena o seu pequeno não lhe ter herdado o sentido de humor Francisco

o meu pai calado esmiuçando as cunhadas do bridge na paciência aborrecida com que examinava as vacas no estábulo, a raspar crostas das botas com o canivete e no entanto eu gostava de si pai, gostava de si, não fui capaz de dizer-lhe mas gostava de si, a mãe da Sofia a oferecer torradas que o meu pai não se dava ao trabalho sequer de recusar ocupado com o lodo das solas, a mãe da Sofia, solícita

— O meu irmão Pedro procurou-o várias vezes por problemas lá

do banco quando você foi secretário de Estado lembra-se do Pedro com certeza

e no tribunal em Lisboa o advogado para mim

— O juiz chamou senhor engenheiro

o advogado preocupado, inquieto, implorativo, com os cheviotes subitamente baratos e ruços, o corte de cabelo subitamente vulgar aparado por um barbeiro de vão de escada da Penha de França ou da Amadora

— Não abra a boca durante o julgamento senhor engenheiro não se ponha com essas histórias de patrão

um corredor com empregados que escreviam à máquina, convocações e avisos que proibiam fumar num painel de cortiça, pessoas à espera e ao fim do corredor uma prateleira de livros, um calendário de parede, dossiers no soalho, uma mesa de repartição pública preenchida por códigos e processos e o juiz entrincheirado de caneta em riste por detrás das leis como para se defender de nós, idêntico a um mestre-escola com a metade inferior da cara oculta por tratados com farpas de cartão a marcarem as páginas, fitando-me como se pedisse desculpa tal como fitei o meu pai quando na semana seguinte ou duas semanas depois da revolução

(soldados marchas militares armas prisões a minha sogra e as cunhadas em Espanha em hotéis de terceira ordem nos arredores de Madrid sem malas de viagem sem passaporte apavoradas tentando ligar para Lisboa sem que lhes respondessem tentando ligar para a herdade e os camponeses a insultarem-nas aos berros a minha sogra e as cunhadas em Espanha com vários casacos de peles uns por cima dos outros com vários relógios de ouro em cada pulso e os irmãos da minha sogra humilhados por civis de pistola na companhia de seguros humilhados por civis de pistola no Guincho os irmãos da minha sogra transportados em camionetas de talho para Caxias para Peniche para Vale de Judeus)

tal como fitei o meu pai quando na semana seguinte ou duas semanas depois da revolução nos chamou à quinta, à Sofia, aos miúdos e a mim e tinha trancado as janelas e aferrolhado os quadros e

as pratas, solto os lobos da alsácia dos canis e despedido as criadas e nos esperava no topo da escada, de caçadeira no sovaco e os bolsos inchados de cartuchos, o meu pai que continuava a fumar cigarrilhas de chapéu na cabeça

— O primeiro comunista que se atrever a entrar leva um tiro nos cornos

a ameaçar com a caçadeira o pântano, o celeiro, o pomar e a azinhaga de ciprestes, os lobos da alsácia a reboarem nos canteiros decepando os narcisos

— O primeiro comunista que se atrever a entrar leva um tiro nos cornos

e o advogado baixinho

— Pode sentar-se

os lobos da alsácia que se evaporavam a galope na casa tombando cadeiras, rasgando sofás, destruindo reposteiros, que regressavam ao jardim num temporal de caçarolas e panelas, com pedaços de almofadas, de cortinas, de toalhas e o meu pai disparando contra o susto dos corvos

— O primeiro comunista que se atrever a entrar leva um tiro nos cornos

a obrigar-me a patrulhar com ele o celeiro, a horta, a garagem, os eucaliptos do pântano em que as rãs choravam, a tirar um revólver do cinto, a oferecer-me o revólver e a rosnar sob o chapéu

— Se vires um comunista dispara

o meu pai mais solitário do que em toda a vida o conheci, sem mulher, sem amigos, sem subordinados, sem cúmplices, afastando à coronhada as vacas do estábulo na ideia de procurar revolucionários nas manjedouras, nas bilhas de leite, nos sacos de sementes, na palha, o meu pai primeiro de joelhos e a seguir de bruços numa poça de fezes e urina, remexendo alfaias

— Não ouviste um barulho não ouviste um barulho?

e um lobo da alsácia uivou lá fora e o meu pai a tentar levantar-se, a escorregar

(— Que pena o seu pequeno não lhe ter herdado o sentido de hu-